

Até já não É adeus
ou
A Triste História de Luís desde que Nasceu
até que Morreu

I

«Imagina que havia uma inundação, uma invasão de ratos, de insectos venenosos, imagina que o sótão se incendiava e que, não se sabendo porquê, uma dessas peninhas coloridas com que enfeitas os chapéus ardia e não só ardia essa peninha, como ardia a caixa onde guardas as dezenas e dezenas de peninhas de todas as cores — o trabalho que te devem dar a tingir! — com que te entreténs a enfeitar as bolas de cartolina e feltro que fazes e a que chamas chapéus. Vem para casa, anda! Traz essa trapalhada toda. Arranja-se um canto na sala de jantar, põe-se lá a máquina de costura, compro-te uma arca grande onde possas arrumar isso tudo, resguardamos a janela do sol para não ficares com a cabeça quente, ou então até podes pôr um dos teus chapéus, que eu não me importo. Podes coser à máquina o dia todo, protegida por chapéu, mas vem para casa!»

«Estou grávida. Não vês que estou grávida? Quero estar sozinha. Tenho o direito de estar sozinha e de fazer o que me apetece. Este vai ser o meu último filho. Quero tratá-lo de maneira especial.»

«E as outras crianças? Quase não te vêem, só à noite um bocadinho, ao jantar e ao serão...»

Ah, as outras crianças...

Nesta altura da vida, Carolina ainda era chamada de Lina. Tinha trinta e poucos anos e António, o marido, mais ou menos a mesma idade. Havia quem dissesse que era muito mais velho, havia quem dissesse que era muito mais novo, mas isso nunca se chegou a saber ao certo, nem mesmo a Lina sabia, e o próprio bilhete de identidade — que nessa época era um livrete amarelado cujas folhas se ajustavam graças a uma fitinha de seda, entrelaçada, preenchido à mão e a tinta permanente por sensato funcionário —, no dia em que foi preciso, no dia do baptizado do seu primeiro filho e em acto mais ou menos oficial, apareceu todo manchado, completamente ilegível. Uma das folhas, justamente a que tinha a data de nascimento, a altura, a cor dos olhos e outras indicações úteis estava completamente manchada e tudo o que lá estava escrito se tinha diluído numa mistura azul, engordurada e indecifrável.

António casou-se com Lina perdidamente apaixonado e Lina casou-se com António completamente indiferente.

Enfureceu-se. Uma cólera contida atravessou-a de alto a baixo. Explodiu de raiva quando enfiou no corpo magro, com muito esforço, o vestido de noiva.

O vestido apertava-a, sufocava-a, não tinha nem um pequeno decote, subia pelo pescoço acima até ao queixo, tapava-a toda. As fileiras imensas de botões minúsculos chegavam a assustar, as luvinhas de renda branca eram opacas. E por baixo do vestido sentia-se num verdadeiro inferno, estrangulada pelo corpete, misteriosa por baixo das enormes cuecas de cetim, ofendida e encaiorada por causa das meias grossíssimas que lhe trepavam as pernas.

A mãe da Lina — a avó do Luís que um dia haveria de nascer da Lina, o último dos filhos — com a ajuda de uma criada antiga corou com orgulho a cabeça da filha com um pesadíssimo véu e ela sentiu-se como Cristo na cruz, a escorrer sangue pela testa abaixo.

«Estás encantadora, minha filha!»

E Lina, como um vulcão, cuspiu, na ainda cara da mãe, palavras incandescentes do mais sentido ódio.

«Um momento!», gritou. «Esperem! Deixem-me respirar, deixem-me olhar para um espelho e reparar que ainda existo! Desapareçam!... Por favor, por favor!»

A mãe, embasbacada e triste, teve a certeza naquele momento de que a filha não era de todo normal. Qualquer mulher naquele instante da vida seria a mais feliz das mulheres. Casar-se! Ai, como tinha sido bom e feliz esse dia para ela, há tantos anos! Toda a gente a olhar para mim, a família bem-vestida, tantas festas! O mistério da noite de núpcias... Como será? O que irá acontecer? O que é um homem? Deve ser mais ou menos como eu, talvez tenha alguma diferença no corpo, mas mesmo que tenha que poderá acontecer? Nada! Nada de especial! E os filhos? Por cada beijo um filho! É tudo! É simples!

Não foi bem assim que as coisas se passaram, afinal. Ela sabia muito bem o que lhe tinha acontecido, mas nada disse à filha e a filha ia em branco, pensava, tal e qual como ela tinha ido, sem nada saber. E mesmo que alguma coisa lhe pudesse ter dito, seriam as piores informações. Se não fosse a casa e o prazer de ter uma casa só dela, com mobílias e tapetes e criadas de veludo...

II

Lá na Graça, na Calçada do Monte era a sua casa, a mesma onde estamos hoje. Aqui neste salão, entrou vestida de noiva, insegura e receosa. Daquela porta ali ao fundo irá sair daqui a pouco a filha, a Lina, vestida da mesma maneira como a mãe se vestiu, mas com uma ansiedade tão diferente!

«Eu não quero nada disto! Quero despir-me. Quero ficar nua, quero o meu corpo à vontade!»

«Filha, filha, não deves dizer isso nem pensar sequer! Não deixes que aquele que irá ser teu marido daqui a umas horas te veja. Jamais! Seria pecado, seria vergonha, tu própria irias sentir-te profundamente ofendida. O teu pai nunca me viu, percebes?»

Nem eu própria nunca olhei para mim, de frente. Deus me livre! E para quê? Diz-me lá, para quê?»

«A mãe nunca se olhou?! Não se conhece? Nunca se tocou? Nunca se apalpou? Eu não me quero casar, vocês é que querem que eu me case, a mãe, o pai, o António, mas eu não quero. Eu já não quero mais nada a não ser as janelas desta sala grande donde vejo o rio ao longe, donde via a pequena Lisboa de antigamente com casas já antigas nessa altura, sem carros, sem aviões, sem confusão, o rio sem ponte. E as duas margens estavam tão distantes uma da outra que para mim seria uma aventura, uma grande viagem ir até Almada, conhecer aquele casario minúsculo que mal se adivinhava, tão longe que estava da janela da Calçada do Monte e que até talvez fosse outro país, outro mundo, talvez lá se falasse uma língua estranha que me fosse impossível entender, quem sabe? Mas nunca saí daqui! Não pense a mãe que tenho qualquer susto em relação à noite de núpcias. Sei que me vou deitar com ele, sei que ele me vai beijar e acariciar e eu vou ter de abrir as pernas de modo a que ele consiga introduzir o pénis na minha vagina, sei que não dói e calculo que vai ser bom. Pénis e vagina, são estas as palavras que aprendi ultimamente. É isto, não é?»

«Meu Deus, Nossa Senhora, Cristo! Como podes falar assim? Quem te disse isso tudo? Ai mulher, alguém me segure que estou a sentir-me mal. A minha filha, a minha própria filha criada com tanta religião e no seio do maior dos desvelos falar-me assim só em pecados, só pecados!»

«Mãe, eu caso-me porque é muito difícil, quase impossível conhecer um homem de outra maneira. Para me conhecer a mim própria, para fazer amor comigo mesma tenho de primeiro conhecer um homem, deitar-me com ele, subir-lhe para cima, rebolar-me... Não desmaie, mãe, oiça-me ao menos uma vez só neste dia fatal do meu casamento.»

A mãe nada ouviu.

Ela afastou o véu que lhe cobria a cara e descia a meio do peito, arregaçou a saia do vestido, descalçou os sapatos novos, cor de pérola, tirou as meias, com o dedo indicou a porta de saída à

criada velha que ainda ali estava, indiferente, e sentou-se no banquinho do piano, agora calma e corada pelo prazer que as suas próprias palavras lhe tinham proporcionado.

A mãe não tinha desmaiado. Apenas estava adormecida, vencida pelo cansaço causado pela excitação da véspera do casamento como se fosse o seu, dos preparos do festim, do vestido da filha, do arranjo das flores nos enormes jarrões de porcelana azul-marinho que enfeitavam a sala, das grinaldas de flores nas janelas.

... E Lisboa podia ser assim — um enorme jarrão familiar sempre perto de mim, com centenas de pessoas de todas as cores lá dentro a enfeitá-lo e o rio no chão, como um tapete. E essas mesmas pessoas, se quisessem, pousariam os pés nas suas águas de lã e sentir-se-iam acariciadas e envolvidas num conforto de água e de vida. E os peixes cintilariam e as aves voariam baixo, tão baixo que se deixariam agarrar e eu sentiria o calor das suas penas leves, feitas da espuma branca do mar.

Seria belo ver os peixes a brilhar e as aves a voar.

Continuo sentada aqui neste banco de piano num canto da sala e vejo todo este espaço da minha juventude onde nada falei, apenas repousei, apenas sonhei. Eu não quero casar-me. Quero ter filhos mas não quero casar-me. Pelo menos com este homem, não.

III

«Lina!», gritou a mãe excitadíssima, «vai-te vestir para o baile. Arranja flores do jardim, vêm alguns rapazes, pode ser que encontres marido...»

Vieram realmente rapazes. A mãe sentada ao piano tocava e tocava sem parar músicas alegres e eu rodopiava, feliz, saltando de rapaz para rapaz até me encostar definitivamente, disfarçadamente a ti, Luís, a quem nunca jamais esquecerei. Tu fixaste os teus olhos líquidos em mim tão profundamente e desapareceste tão depressa! Já não quero mais nada nem ninguém. Desejo encostar-me a ti e embora dancemos afastadíssimos um do outro